

ESTUDOS DE LÍNGUAS DE SINAIS – UMA ENTREVISTA COM ROLAND PFAU

Roland Pfau¹

Universidade de Amsterdam

REVEL – Quando o senhor começou a trabalhar com línguas de sinais? Qual era seu principal interesse ao estudar esta área?

R. PFAU – Eu comecei a estudar línguas de sinais – Língua Alemã de Sinais, naquele momento – em 1995. Eu recém havia iniciado meu projeto de doutorado na Universidade de Frankfurt, que era, na verdade, sobre erros espontâneos de fala, e não sobre língua de sinais, quando minha professora, Helen Leuninger, se interessou por assuntos envolvendo línguas de sinais. Ela estava apta a ministrar cursos de Língua Alemã de Sinais (*Deutsche Gebärdensprache* – DGS) na universidade, e eu me matriculei, simplesmente porque estava intrigado com as possibilidades de uma língua na modalidade visual. Primeiramente, olhei para essa língua a partir da perspectiva de um aprendiz de segunda língua – lutando com suas complexidades gramaticais – antes de desenvolver qualquer interesse em investigar sua estrutura linguística.

Logo fiquei fascinado pelo fato de que as línguas de sinais, apesar do uso de um modo de transmissão diferente, empregam estruturas e regras muito similares àquelas descritas para línguas faladas. Sinceramente, fiquei tão fascinado que, por algum tempo, dei muita atenção à língua de sinais e pouca à minha tese. Eu trabalho no quadro teórico da Gramática Gerativa, e o estudo de línguas de sinais é revelador nesse contexto, já que fornece evidências para a hipótese de uma capacidade

¹ Webpage: <http://home.medewerker.uva.nl/r.pfau/index.html>.

linguística que é independente de modalidade. O estudo das estruturas linguísticas da DGS, especialmente sob uma perspectiva gerativa, ainda era muito recente naquela época e, portanto, basicamente tudo necessitava minuciosa investigação – o que representava, ao mesmo tempo, um desafio e uma oportunidade incrível.

Assim que obtive um pouco de compreensão da Língua Alemã de Sinais, comecei a fazer pesquisas sobre sua estrutura fonológica e morfológica, esta última em cooperação com minha colega Susanne Glück. Meus primeiros estudos sobre DGS, publicados em 1997, estavam centrados em um inventário de formas das mãos e estrutura silábica da DGS e em seu sistema classificador. Na literatura da língua de sinais, o termo “classificador” se refere a formas das mãos que combinam com verbos de movimento e localização (por exemplo, ‘mover-se’ e ‘dar’) e que refletem propriedades semânticas e morfológicas de um argumento; o verbo ‘mover-se’, por exemplo, pode ter uma movimentação diferente das mãos dependendo se o argumento que se move é uma pessoa ou um carro; e a forma das mãos no verbo ‘dar’ reflete se o objeto dado é um livro ou uma caneta. Susanne e eu sustentamos a ideia de que esse fenômeno não deve ser analisado como um exemplo de formação lexical de palavras ou incorporação (como tem sido sugerido na literatura sobre o assunto), mas, antes, como um caso de concordância. Em outras palavras: o movimento formado pelas mãos nesses verbos são morfemas de concordância. Desde então, meu principal interesse tem sido estudar a estrutura gramatical das línguas de sinais, dando ênfase a suas estruturas morfossintáticas e sintáticas, e eu particularmente gosto de discutir esses fenômenos com uma perspectiva tipológica.

REVEL – Que tipo de evidência gramatical um linguista pode obter a partir do estudo da estrutura e tipologia da língua de sinais?

R. PFAU – A tipologia da língua de sinais ainda é uma área de pesquisa recente; porém, já se produziram resultados empolgantes. O trabalho com tipologia de línguas de sinais envolve dois componentes, ambos interessantes e recompensadores. Em primeiro lugar, é importante comparar as estruturas da língua de sinais com as estruturas da língua falada; afinal, muitas comparações nos ajudam a entender quais aspectos da gramática são realmente independentes de modalidade, ou seja, os

mesmos para línguas de modalidade visual e oral, e quais são dependentes de modalidade. Graças a numerosos estudos em diferentes línguas gestuais, agora está claro que, em grande medida, as línguas de sinais empregam o mesmo mecanismo gramatical que as línguas faladas. Dessa forma, todas as línguas naturais podem ser explicadas pelos mesmos modelos teóricos – sejam quais forem –, e explicações de modalidades específicas não são necessárias. Certamente, essa é uma importante e estimulante descoberta. Em particular, as aparentes estruturas simultâneas das línguas de sinais, que resultam da disponibilidade de dois articuladores idênticos – as duas mãos – bem como do uso simultâneo de meios de expressão manuais e não manuais, podem ser capturadas pelos mesmos modelos hierárquicos fonológicos e sintáticos. Observe-se que o termo ‘meios não manuais’ inclui todas as informações que não são transmitidas pelas mãos, como as expressões faciais e os movimentos corporais, que podem desempenhar um papel crucial na gramática das línguas de sinais. É verdade que, dada a disponibilidade de diferentes articuladores (manuais e não manuais), uma grande gama de informação pode ser expressa simultaneamente, à medida que seis ou mais morfemas podem ser expressos dentro de uma única sílaba, mas essa é uma diferença quantitativa, não qualitativa. Estabelecer esse tipo de informação foi um grande avanço, não apenas para linguistas que se dedicam a línguas de sinais, mas também para os linguistas em geral.

Quanto mais se investigar as línguas de sinais, maior será a possibilidade de comparação entre as diferentes línguas gestuais entre si, a fim de descobrir em que medida elas variam em suas estruturas gramaticais. Graças a esforço assim, agora sabemos que as línguas de sinais são similares entre si em algumas instâncias (por exemplo, seus sistemas pronominais e o uso de reduplicação de flexão de modo e de número), mas que elas também apresentam uma interessante variação interlinguística (em se tratando de ordem de palavras, negação e estratégias de relativização, por exemplo) e que os padrões de variações atestados espelham aqueles que haviam sido descritos anteriormente para línguas faladas. Novamente, isso implica que não se deve sempre surgir com classificações totalmente novas apenas para o fim de explicar os dados de uma língua de sinais. Para dar apenas um exemplo: descobriu-se que a tipologia de orações relativas, que se desenvolveu com base nas línguas faladas e que distingue, entre outras, orações relativas com núcleo externo de orações relativas com núcleo interno, também é válida para línguas de

sinais; a DGS apresenta orações relativas com núcleo externo, enquanto a Língua de Sinais Italiana faz uso de orações relativas de núcleo interno.

REVEL – Muitos estudantes que começam a estudar Linguística não se dão conta que uma língua de sinais é um sistema tão complexo quanto qualquer outra língua natural. O senhor pode nos dar alguns exemplos de trabalhos em sintaxe, morfologia ou fonologia de línguas de sinais?

R. PFAU – Bom, acabei de dar um exemplo acima, quando falamos sobre as orações relativas. Claramente, as estratégias de relativização nas línguas de sinais são tão complexas e diversas quanto nas línguas faladas. Isso não implica necessariamente que *todas* as línguas de sinais tenham uma estratégia de relativização tão sofisticada, ou que a DGS sempre faça uso da estratégia disponível – entretanto, obviamente, o mesmo vale para as línguas faladas. Isso mostra, contudo, que o sistema gramatical (a Gramática Universal, se quiser) torna disponíveis certas opções e que as línguas naturais, faladas ou gestuais, escolhem uma (ou mais) dessas opções.

Ficando ainda na área da sintaxe, também já se afirmou que a negação e a interrogação envolvem estruturas e derivações que são características de outras línguas naturais (faladas). Em muitas línguas de sinais, a negação pode ser expressa por uma partícula negativa manual em combinação com um marcador não manual, geralmente um balançar de cabeça. À primeira vista, essa combinação de um elemento manual com um elemento não manual parece ser específica da modalidade; tem-se argumentado – muitos pesquisadores, incluindo eu mesmo – que isso é, na verdade, um caso da negação dividida, como aquela que podemos ver, por exemplo, no francês falado. Em DGS, o elemento manual negativo se comporta como uma partícula (que, assim como a partícula negativa *ne* do francês, é opcional), ao passo que o balançar de cabeça pode ser analisado como um afixo que se liga ao verbo. As interrogativas-qu (isto é, as interrogativas que envolvem um pronome interrogativo como “quem” ou “qual”) têm atraído alguma atenção, porque, assim como em muitas línguas faladas, elas envolvem uma palavra-qu que aparece na periferia da sentença. Em um contraste surpreendente com a maioria das línguas faladas (incluindo o português), contudo, a posição mais comum para o gesto-qu nas línguas de sinais

parece ser a posição de final de sentença (por exemplo: LIVRO COMPROU QUEM? para “Quem comprou um livro?”). Isso gerou um interessante debate a respeito das supostas propriedades universais das perguntas-qu – universais que foram estabelecidos levando em conta apenas os dados das línguas faladas. A pergunta é a seguinte: os dados das línguas de sinais contradizem esses universais ou podem ser explicados por mecanismos que sejam independentes de modalidade?

No domínio da morfologia, já se demonstrou que muitas línguas de sinais permitem sinais morfologicamente muito complexos. Pelo que sabemos, há pouca morfologia derivacional, mas existem compostos, e os sistemas flexionais de muitas línguas de sinais são muito ricos e incluem modulações aspectuais, concordância com o sujeito e com o objeto, morfemas classificatórios, entre outros. Como mencionei anteriormente, o que torna o sistema especial é o fato de que muito da informação pode ser expressa simultaneamente; assim, um verbo com um significado complexo como “você me dá um grande objeto plano com algum esforço” tem a mesma estrutura silábica (ou seja, tem o mesmo “tamanho”) que a forma base do verbo “dar”: ambos consistem de uma sequência de um lugar, um movimento, e um outro lugar, mas o formato da mão, o movimento e os traços não manuais da forma flexionada são diferentes daquela da forma base. Apesar da realização simultânea, todos os morfemas são rapidamente identificados, e, portanto, pode-se afirmar que as línguas de sinais (algumas, pelo menos) podem ser encaixadas dentro do grupo de línguas aglutinantes.

Estruturas simultâneas também são observadas no sistema fonológico das línguas de sinais. Os primitivos fonológicos (às vezes chamados de “parâmetros”) das línguas de sinais são o formato das mãos, o movimento, o lugar e os traços não manuais. Claramente, isso é muito diferente do sistema fonológico das línguas faladas, que inclui vogais e consoantes. Ainda assim, tem-se demonstrado que esses primitivos estão organizados em uma hierarquia fonológica não muito diferente daquela das línguas faladas. Além disso, a combinação de parâmetros é restringida por regras fonológicas. Por exemplo, se dois dedos estão estendidos em um sinal (como o indicador e o dedo médio, por exemplo), ambos devem ter a mesma posição, seja estendida ou flexionada; o sistema fonológico não permite uma forma em que o indicador esteja completamente estendido, mas o dedo médio flexionado, ainda que,

de um ponto de vista articulatório, tal forma não seria tão problemática. Além disso, no léxico, os sinais que usam apenas uma das mãos devem ser distinguidos daqueles que usam ambas as mãos. Esse último tipo de sinal é restringido por outra regra fonológica que parece ser a mesma em todas as línguas de sinais já estudadas até hoje: se ambas as mãos se movem em um sinal monomorfêmico, ambas devem apresentar a mesma forma e efetuar o mesmo movimento, de maneira simétrica ou com alternância de mãos. Mais uma vez, as formas que violam essa restrição são, em princípio, fáceis de articular, mas elas simplesmente não existem.

Tudo isso serve de evidência para um sistema gramatical que é complexo e regido por regras em todos os níveis de descrição linguística, de maneira similar, mas não idêntica, ao que tem sido descrito sobre as línguas naturais orais. Na verdade, todos os que começam a aprender uma língua de sinais logo percebem que ela é muito mais do que uma simples combinação de gestos icônicos – uma língua de sinais é tão difícil (ou tão fácil) de ser aprendida quanto qualquer outra língua.

REVEL – O senhor é um dos editores do periódico acadêmico *Sign Language & Linguistics*² (John Benjamins Publishing Company). Pode nos contar um pouco sobre esse periódico? Quais são seus objetivos e seu escopo?

R. PFAU – Meu colega Josep Quer, da Universidade Pompeu Fabra, de Barcelona, e eu temos editado o periódico *Sign Language & Linguistics (SL&L)* desde 2007, quando tomamos essa tarefa do editor anterior, Ronnie Wilbur, que fundou o periódico em 1998. Editar o periódico é muito divertido, mas – como você pode imaginar – é também uma tarefa desafiadora. Gostamos de entrar em contato com os (futuros) autores e de estar sempre atualizados com o que está acontecendo no mundo consideravelmente pequeno mas sempre em expansão da Linguística das línguas de sinais. É bem empolgante.

O foco do periódico centra-se em estudos teoricamente concebidos sobre a estrutura das línguas de sinais, ou seja, estudos que aplicam modelos teóricos existentes às

² “Língua de Sinais e Linguística” (N.T.).

línguas de sinais e podem, portanto, expandir nosso conhecimento de gramática tendo por base as línguas de sinais. São sempre bem-vindos estudos que adotam uma perspectiva interlinguística e intermodal sobre os fenômenos investigados, bem ao estilo que descrevi acima, na segunda pergunta desta entrevista. O *SL&L* está aberto a todas as áreas da investigação linguística: das diversas áreas da gramática (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica), via pragmática até estudos em psico- e neurolinguística. Obviamente, também temos interesse em estudos que tratam de tipologia linguística e os possíveis efeitos da modalidade linguística na estrutura da gramática.

A edição atual (15:1), que deve estar sendo publicada mais ou menos ao mesmo tempo desta edição da **ReVEL**, é uma edição especial, com artigos selecionados sobre fonética e fonologia que foram apresentados no último *Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research*³ (*TISLR* 10). Recentemente, o periódico também incluiu artigos sobre um marcador discursivo na língua de sinais da Nova Zelândia, sobre o reconhecimento de sinais na língua de sinais da Holanda, e vários outros artigos (compilados em outra edição especial) sobre o uso de sinais não manuais fonológicos, morfológicos e sintáticos na Língua de Sinais Americana, na Língua de Sinais Britânica, na DGS, na Língua de Sinais de Hong Kong e na Língua de Sinais Turca.

REVEL – O senhor poderia, por gentileza, sugerir referências bibliográficas sobre línguas de sinais, para nossos leitores?

R. PFAU – Para quem quiser ter um bom panorama no campo da Linguística de línguas de sinais – fonologia, morfologia, sintaxe e dimensões aplicadas – eu sugiro uma das monografias introdutórias disponíveis que tratam de uma única língua de sinais: Sutton-Spence & Woll (1999) sobre a Língua de Sinais Britânica, Johnston & Schembri (2007) sobre a Língua de Sinais Australiana, Meir & Sandler (2008) sobre a Língua de Sinais Israelense ou Leeson & Saeed (2012) sobre a Língua de Sinais Irlandesa. Todas essas monografias são acessíveis aos leitores com conhecimento básico de linguística, sem conhecimento prévio de línguas de sinais. Todas elas

³ “Conferência sobre Questões Teóricas em Pesquisa com Línguas de Sinais” (N. T.).

também fornecem informações sobre o contexto histórico e social da comunidade surda.

Para leitores mais avançados, com um conhecimento sólido em linguística teórica (incluindo aí abordagens gerativas), recomendo o livro de Sandler & Lillo-Martin (2006), que não é sobre uma única língua de sinais, mas lida com questões universais e de modalidade – esse livro realmente apresenta um panorama fantástico sobre todas as questões relevantes. Deixe-me aproveitar a oportunidade para divulgar uma publicação minha que está por sair: o manual “Sign Languages”⁴, que editei juntamente com Bencie Woll e Markus Steinbach e que deve estar disponível no mercado editorial dentro de alguns dias – pelo que sei, é o manual mais abrangente sobre línguas de sinais já publicado até hoje.

Referências

- Johnston, T. & A. Schembri (2007), *Australian Sign Language. An introduction to sign language linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Leeson, L. & J.I. Saeed (2012), *Irish Sign Language. A cognitive linguistic account*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Meir, I. & W. Sandler (2008), *A language in space. The story of Israeli Sign Language*. New York: Lawrence Erlbaum.
- Pfau, R., M. Steinbach & B. Woll (eds.) (2012), *Sign language. An international handbook (HSK – Handbooks of Linguistics and Communication Science)*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Sandler, W. & D. Lillo-Martin (2006), *Sign languages and linguistic universals*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sutton-Spence, R. & B. Woll (1999), *The linguistics of British Sign Language. An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

⁴ “Línguas de Sinais” (N. T.).